



VISÃO DO CORREIO

O Brasil por conta própria

Encaixados em discursos do presidente da República e de seus auxiliares já no tom das eleições de 2022, os dados sobre o comportamento do mercado de trabalho e o nível de atividade das pequenas empresas, que são, de fato, grandes empregadoras no país, dizem muito pouco sobre o drástico impacto da covid-19. Na economia real — do dia a dia de quem conduz um negócio, de trabalhadores por conta própria com e sem CNPJ —, a batalha tem sido por sobrevivência e capacidade de reinvenção.

São experiências bem diferentes daquelas que o ministro da Economia, Paulo Guedes, debate com os empresários da Faria Lima e da Fiesp ou dos questionamentos feitos ao presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, por analistas das grandes bancas de investimentos e corretoras. A recuperação recente do emprego no Brasil está amparada no crescimento do universo de trabalhadores por conta própria, em maior parcela, sem um CNPJ e na informalidade.

O país tinha, entre novembro do ano passado e janeiro último, 339 mil ocupações sem carteira de trabalho no setor privado a mais do que nos três meses anteriores, de acordo com informações detalhadas da Pnad Contínua do IBGE. Significou aumento de 3,6% nessa base de comparação, ao passo que a ampliação de vagas com registro foi de 23 mil, na prática, mantendo estável a situação desse grupo de trabalhadores, com variação de 0,1%.

O número de empregadores caiu em 7 mil, todos eles sem CNPJ. Entre as pessoas que trabalham por conta própria, as ocupações cresceram em 826 mil oportunidades sem CNPJ, acréscimo de 4,8% ante o período de agosto a outubro de 2020, e em 220 mil nos casos em que há registro, elevação de 4,1%. É o levantamento mais recente feito por meio da Pnad Contínua. O IBGE divulga nesta sexta-feira as estimativas referentes ao trimestre

encerrado em fevereiro, mas a expectativa é de que tenham seguido na mesma direção.

Não há o que questionar sobre a necessidade das medidas de isolamento social para deter o coronavírus, que já matou mais de 390 mil brasileiros. O tempo e o esforço do governo e do Congresso deveriam contemplar também o apoio aos pequenos empreendedores e aos trabalhadores afetados pela pandemia, além de adotar medidas visando à recuperação da economia. O auxílio emergencial é ajuda muito bem-vinda, claro. Mas não somente isso.

Desde o começo de março, a equipe econômica articulava no Congresso a votação de um projeto de lei que proporcione a retomada de financiamentos para micro e pequenas empresas por meio do Programa Nacional de Apoio às Microempresas e Empresas de Pequeno Porte (Pronampe), mas não basta oferecer o crédito. A linha de empréstimo que vigorou no ano passado não esteve acessível como se esperava.

O programa foi criado em 2020, com liberação de empréstimos garantidos com recursos do Fundo Garantidor de Operações. Foi também noticiada a autorização para que os bancos aumentem o período de carência para pagamento de empréstimos feitos na rubrica do Pronampe em 2020. O prazo pode ser prorrogado de oito para 11 meses. Contudo, quem decide é o banco.

Enquanto isso, outros países dão exemplo. Nos Estados Unidos, o presidente Joe Biden negociou com o Congresso pacote de ajuda financeira às pequenas e médias empresas que ganharam exclusividade de acesso a um cadastro para receber crédito, inclusive, para manter os funcionários, ajuda que já existia no começo da pandemia e foi aperfeiçoada. Já os brasileiros vão tentando caminhar com as próprias pernas, sem patrão, fechando e transformando negócios e, muitas vezes, só podem lançar mão da ajuda financeira de familiares e amigos.



>> Sr. Redator

Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato. E-mail: redat.df@dabr.com.br

Brasília, 61 anos

Para conhecer Brasília, Tem que pisar neste chão Aqui, nossas tesourinhas Não cortam unhas de mão Asa sul e asa norte Não são peças de avião

Conheci muitas cidades E não vi outra mais bela Araras passam galhando Defronte à minha janela Aqui os ipês floridos Parecem linda aquarela

Os eixos daqui não giram Tal qual peças de caminhão Mais estranho é que no trânsito Você encontra um balão Não tem ar, não é inflável, Não voa nem sai do chão. >> Iveraldo Sampaio, Asa Sul

Filantropia

Em um país com necessidades prementes como o Brasil, principalmente neste momento de grave crise sanitária, onde estamos chegando a quase 400 mil brasileiros mortos, com acachapantes e inquestionáveis 15 milhões de desempregados e fome instalada de Norte a Sul, é difícil concentrar-se em poucos temas, pois todos são urgentes. A sociedade tem que atuar, e é necessário ter foco nesses temas, sob o risco de não fazer diferença de verdade. Com certeza, o senso humanista e patriótico do brasileiro tem a consciência da necessidade de nos unirmos para chegarmos a soluções duradouras. A vacina está chegando a passos lentos, a fome não espera! É triste e doloroso para um chefe de família ser questionado pelos filhos sobre a entrega de um alimento. A expressão hebraica “tsedaká” tem sua raiz na palavra “tsedek” (justiça). É a ideia de compartilhar tudo o que transborda em nossa vida, como tempo, dinheiro, alimentos, vestuário ou conhecimento. Afinal, todos nós temos algo em alguma área que transborda. Em português, é o que chamamos de filantropia. Devemos ajudar no que for preciso, dentro das condições de cada um e estimular a prática do tsedaká. É fundamental compreender que não podemos esperar pelas ações do governo. Independentemente de classe econômica e social, a sociedade em geral, somos todos responsáveis direta ou indiretamente pelo abismo social existente no país. O nosso privilégio é do tamanho da nossa responsabilidade em estender a mão aos nossos irmãos brasileiros necessitados. Estenda a sua!

>> Renato Mendes Prestes, Águas Claras

Desabafo

>> Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Em 1945, a bomba atômica lançada pelos EUA sobre Hiroshima e Nagasaki matou, estima-se, 244 mil pessoas. Hoje, a incompetência e o negacionismo excutaram quase 400 mil brasileiros.

Joaquim Honório — Asa Sul

O que é maior: a prepotência, a burrice ou a “panza” do general no shopping?

Ludovico Ribondi — Noroeste

Cale a boca não, Saraiva! 40 mil toras de madeira de árvores derrubadas ilegalmente.

A Polícia Federal cumpre o seu dever. Abaixo o desmatador de aluguel Ricardo Salles.

Joaquim Antunes de Carvalho — Asa Norte

Ué, quebrou? Ah, vou mandar meu celular da tela plana (que não funciona) para a terra plana (que não existe)...!

Marcos Paulino — Águas Claras

» Pronto! O Circo vai abrir as cortinas. Mais uma CPI no Congresso Nacional, onde os palhaços se digladiarão por cargos e holofotes. Mas nós, também palhaços, iremos nos contemplar com as trapalhadas comuns em comissões que apuraram o nada. Assim, será mais uma CPI. Teremos, com certeza, orgias de palavrões e xingamentos sem piedade nem dó. Essa CPI servirá para que alguns senadores mostrem aos eleitores de seus estados o quão a covid-19 com suas quase 400 mil mortes (nada comprovado), é um verdadeiro palanque para enganar pessoas conscientes que acreditam em mentiras, balelas, engodos. Assim, durante um bom período haveremos de ver alguns manés processados tentando jogar na lama um governo que tem agido nos ditames da democracia, inclusive com um STF sem moral tentando interferir no governo. Acho, sinceramente, que essa será mais uma CPI que não terá resultado algum, a não ser dar luz para muitos enganarem trouxas, especialmente, de estados cujos mandatários são verdadeiros “coronéis”. Pena!

>> José Monte Aragão, Sobradinho



RODRIGO CRAVEIRO
rodrigocraveiro.df@dabr.com.br

Tempo de aprender

Os caminhões abarrotados de corpos a caminho dos cemitérios em cidades da Itália. O papa Francisco celebrando uma missa em uma Praça de São Pedro, na Cidade do Vaticano, absolutamente vazia. Os caixões abandonados em ruas de Guayaquil, a segunda maior cidade do Equador. As sepulturas abertas em São Paulo, em Manaus e em tantas outras cidades do Brasil. Os crematórios flagrados do alto, repletos de pontos luminosos. Ritual de despedida da vida na Índia. As ruas de grandes metrópoles absolutamente vazias. Nos últimos 13 meses, as imagens cruéis e simbólicas da pandemia nos ensinaram a conviver com a nossa finitude. Com a certeza de que somos frágeis e que um ser microscópico é capaz de interromper os nossos planos e os nossos sonhos. Temos nos confrontado com a realidade insofista e inexorável da morte, um tabu que preferíamos negar sempre que possível.

Também aprendemos a ter esperança. Gestos antes considerados banais ganharam uma dimensão quase que estratosférica. A picada de uma agulha no braço de pais ou avós tem sido o bastante para verter lágrimas de filhos e netos. Como se aquele líquido depositado na pequenina ampola afastasse todo o medo da perda e fosse garantia de sobrevivência longe dos hospitais e do pesadelo da intubação. Gratidão! Foi o que senti quando minha mãe recebeu, antontem, a segunda dose da vacina da AstraZeneca. Assim como quando meu pai recebeu as duas doses da Corona-

Vac, semanas atrás. Sim, gratidão pela ciência, que se impõe sobre o negacionismo e preserva vidas. Respeito pelos médicos e enfermeiros, que travam uma batalha tantas vezes inglória e se veem obrigados a engolir o choro e a duplicarem a força.

Desde o início de 2020, temos aprendido o significado da resiliência. A duras penas entendemos que o isolamento social e o uso de máscaras representam uma prova de resistência e de coragem, mas, sobretudo, de altruísmo e de amor pelo próximo. Quem nega a covid-19 se coloca na condição de potencial cúmplice de mortes. Quantas pessoas que escolheram o caminho da irresponsabilidade não provocaram luto nos próprios familiares e não semearam a separação eterna em desconhecidos?

A pandemia da covid-19 nos propicia a lição da empatia, ainda que nem todos os seres humanos estejam propensos a aceitá-la. Entender que evitar o sofrimento alheio passou a ser responsabilidade social. Aprendemos que todos somos uma comunidade global. Como todas as comunidades, devemos nos preocupar com os nossos vizinhos. Que de toda a dor, de toda a eterna ausência de um ente querido e de todo o medo possamos extrair uma oportunidade para ressignificarmos a vida e o nosso papel enquanto cidadãos. Para que possamos emergir das sombras melhores do que somos. Ainda que com sofrimento, sempre é tempo de aprender. Que todos reverenciemos os quase 400 mil brasileiros mortos.

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
 E se mais mundo houvera, lá chegara”
 Camões, e, VII e 14

ÁLVARO TEIXEIRA DA COSTA
 Diretor Presidente

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
 Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
 Diretora de Redação

Paulo Cesar Marques
 Diretor de Comercialização e Marketing

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
 Diretor Financeiro

Plácido Fernandes Vieira e Vicente Nunes
 Editores executivos

CORPORATIVO
 Josemar Gimenez
 Vice-presidente de Negócios Corporativos

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1102 - Redação: (61) 3214.1100; Fax: (61) 3214.1155 - Comercial: (61) 3214.1526; 3214.1211; Fax: (61) 3214.1205 - Sucursal São Paulo: End.: Alameda Joaquim Eugênio de Lima, nº 732 - 7º andar - Jardim Paulista - CEP: 01403-000 - São Paulo/SP Tel: (11) 3372-0022; E-mail: societadoss@uigigga.com.br; Sucursal Rio de Janeiro: End.: Rua Fonseca Teles, nº 114 a 120, Bloco 2, 1º andar - São Cristóvão - CEP: 20940-200 - Rio de Janeiro/ RJ, Tel: (21) 2263-1945; E-mail: sucursalfil@uigigga.com.br; REPRESENTANTES EXCLUSIVOS: Minas Gerais e Espírito Santo - Mídia Brasil, Rua Tenente Brito Melo, 1223, sala 602 - Barro Preto - CEP: 30.180-070 - Belo Horizonte/MG; Tel.: (31) 3048-2310; E-mail: comercial@midiaabril.com.br; Região Sul - HRM Representações Publicitárias, Rua Saldanha Marinho, 33 sala 608 - Menino Deus - CEP: 90.160-240 - Porto Alegre/RS; Tel.: (51) 3231-6287; E-mail: hrrm@hrmmultimidia.com.br; Regiões Nordeste e Centro Oeste - Goiânia: Exito Representações - Rua Leonardo da Vinci, Quadra 24, Lote 1, C.2, Jardim Planalto - CEP: 74333-140, Goiânia-GO - Telefones: 62 3085-4770 e 62 98142-6119. Brasília: S4 Publicidade e Representações, SCS Qda G2, Bl. D - 15º andar - Ed. Oscar Niemeyer - salas 1502/3 - CEP: 70.316-900 - Brasília/DF; (61) 3201-0071/0072; E-mail: thiagu@s4publicidade.com.br; Região Norte - Meio & Mídia, SRTVS Qda 701, Bl. K - Ed Embassy Tower, salas 701/2 - CEP: 73.340-000 - Brasília/DF; Tel.: (61) 3964-0963; E-mail: atendimento@meioemidia.com.

Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
 Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela Reuters, AFP, Agência Noticiosa Intercontinental, Agência Estado, Agência O Globo, Agência A Tarde, Agência Folha, Agência O Dia e DA Press, tel: (61) 3214-1131.

COMO ENTRAR EM CONTATO COM O CORREIO
 Assinante/leitor/ classificados: 3342-1000

Localidade	SEG/SÁB	DOM
DF/GO	R\$ 2,50	R\$ 4,00
MG/RJ/SP	R\$ 4,00	R\$ 5,00
TO/MA/CE/PI	R\$ 4,00	R\$ 5,00
RN/PB/PE	R\$ 4,00	R\$ 5,00

ASSINATURAS*
 SEG a DOM R\$ 789,88 360 EDIÇÕES (promocional)

* Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.
 Consulte a Central de Relacionamento (3342.1000) para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

DA Press Multimídia
 Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
 SCS Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DE, de segunda a sexta, das 13h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
 Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 18h/sábados, das 14h às 21h
 Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568 / 0800-647-7377. Fax: (61) 3214.1595.
 E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br

DIÁRIOS ASSOCIADOS DA

DA LOG

Agenciamento de Publicidade